



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

16 DE MAIO DE 1959
ANO XVI—N.º 396—Preço 1\$00

Vales do Correio para Paço de Sousa—Avença—Quinzenário
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato—Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA—Director e Editor: PADRE CARLOS
Redacção e Administração: Casa do Gaiato—Paço de Sousa

CALVÁRIO SETÚBAL

★ Por Padre Acílio

As razões fundas que determinam as acções humanas escapam ao nosso critério. Juiz supremo e absoluto do bem e do mal é somente Deus. Por isso mesmo, o objecto de reprovação universal é tantas vezes absolvido por Deus. Só Ele prescreta os pensamentos íntimos das criaturas.

Foi na Curraleira, em Lisboa. Ele há pouco tempo. O luto é recente na harraca carunchosa. As faces pálidas das nove crianças estão ainda humedecidas pelas lágrimas.

Em épocas alternadas, o braço paterno angaria vinte e dois escudos diários. A renda da barraca soma trezentos mensais. Pouco resta para alimentação. Quanto ao mais tudo se dispensa. Melhor: as necessidades vitais obrigam à supressão do que para Pobres é secundário, embora para ricos extremamente primário — vestuário, calçado e divertimentos. Naquela tarde o pai apresenta-se desalentado e anuncia à família que se encontra despedido do trabalho. O desespero apodera-se da mãe, sempre a braços com o pouco, e agora, com a triste nova, em face do nada. O desespero é doença grave; e tanto!, que este caso foi fatal.

Este remate trágico da existência nada revela de extraordinário, onde o sofrimento não é redentor nem meritório, mas só fel amargo sem possível apelo a lenitivo algum. Tenho-me espantado com o poder de resignação dos que estoicamente aguentam o sofrer por aí além. Quantos não carecem do bafo amigo da fé! E, mesmo assim, tudo suportam mansamente. Todavia, há sempre que contar com os mais dolorosos desenlaces onde falta o remédio da Esperança. A virtude tem firme apoio sobre o humano. Quando o homem se encontra diminuído, a virtude normalmente não surge. É pois indispensável certo bem estar temporal para que floresça a Esperança que tudo faz suportar, que tudo clareia, que tudo redime.

A tombar no precipício quantos não se encontram! Este vive em Monsanto da capital. Viera da província na ilusão corrente de vida próspera junto à foz do Tejo. Sonho de Pobres! Conheci-o escorrido e forte. Por isso admiro-me bastante de o ver agora trôpego arrastando-se a custo junto às furnas. — «Ar-

ranjei esta vida no trabalho. Parti a espinha e práqui ando com um colete de aço».

O rosário da amargura presente leva seu tempo a desfilar. O Carlos, a meu lado, nem pestaneja. Insensível da cintura para baixo, o pobre homem não sente o solo que pisa. Não se verga. Outros por caridade o vestem e calçam. Come do que lhe dão os vizinhos. Encontra-se à mercê de quem dele se condoi. Segurado como estava, nada recebe vai em seis meses. Não conhece por lá ninguém. A junta médica, que o deve observar e decidir o futuro, não há meio de se reunir. Ele bem descontou. Mas quê?...

Revelo-lhe o *Calvário*. Inquiri se gostaria de ir para esta obra de doentes abandonados. Acena que não. Quero saber a causa e alega que precisa de saldar primeiramente as dívidas contraídas. Que homem tão digno, apesar de tão desprezado! O infortúnio não diminui nem rouba a condição de criatura humana; muito menos a nobreza e a honradez. A mancha negra desta situação está no abandono a que é votado um homem por aqueles a quem estava unido como ser criado e a quem se ligou como operário civil.

Insisto em trazê-lo, mas as dívidas não lhe permitem arrear-se. Quem ajuda a saldá-las?

Em verdade, só o Senhor mede com inteira justeza o agir humano!

P. S. — O Senhor chamou-nos a Snr.a Sílvia, doente cancerosa do *Calvário*. Mais uma benção do Alto que agradecemos, porquanto penhor certo de mais graças.

Padre Baptista

Aos nossos tropas

«Na minha vida de oficial do Exército tenho acompanhado de perto o viver e o sentir de milhares e milhares de rapazes. Horas de meditação profunda e de viva angústia ao ver o esforço desesperado de tantos rapazes para não serem arrastados, de vez, para uma vida sem dignidade. O ambiente em que vivem mata-lhes os mais nobres sentimentos. E se estes querem ressurgir — voz de Deus dentro deles que se não cansa de chamar — o ambiente em que vivem (e donde não sabem como sair) desanima-os de lutar».

Foi ontem em nossa casa, o dia vicentino das conferências da cidade de Setúbal. Muita gente sem distinção de categorias sociais. O médico ao lado do empregado de escritório, o engenheiro junto do pescador. A Senhora de traços distintos junto da mulherzinha de chaile. Os vicentinos são assim. Não se distinguem. Liga-os a estima de uns pelos outros; a admiração pelas obras que cada qual realiza. Estreita-os o mais belo laço de humanismo e uma comunicação divina.

Eu tenho pelo vicentino uma devoção especial. Ele é para mim a imagem mais cativante de Jesus. Realiza na terra a faceta que eu mais gosto da actividade de Cristo. Acolhe Madalenas impenitentes semeando contrição e amor em almas despedaçadas pela ferocidade do vício que a miséria aliciou. Consola o desesperado, em luta com doenças incuráveis, fazendo-lhe brilhar no Além uma estrela de felicidade. Lava feridas aos «Lázarus» do nosso tempo. Ressuscita mortos, dá vista a cegos, lava os sujos, veste os nus, alimenta os famintos — evangeliza os Pobres.

Os vicentinos vieram, ontem, comunicar entre si, à sombra de Pai Américo, acções de vida eterna. Eles gostam da Casa do Gaiato! Ela tem o cunho duma vida vicentina. Pai Américo é a sua atracção. Se Setúbal, mesmo com a acção dos vicentinos se pode chamar um purgatório, sem aquela seria um autêntico inferno. O vicentino vai sofrer, amparar, limpar, pôr o bom cheiro, fazer ambiente.

O Pobre é para si o seu irmão que sofre. Que sofre tantas vezes, injustamente. Que sofre os pecados alheios. O vicentino vai ao Pobre com o mesmo espírito com que vai à Igreja. Comunicar com Deus. Receber lições de «Vida». Somente o próprio Deus sabe apreciar o heroísmo escondido nestas curtas peregrinações. Pagá-las-á muito caro. É essa a sua fé, o seu apoio, a sua esperança, a sua força. Não esperam anúncios nos jornais, elogios nas assembleias, aplausos das multidões. Basta-lhes esta certeza — Deus vê.

Agora, como é já do teu conhecimento, andam eles empenhados na construção de moradias para darem aos habitantes das barracas, seus venerados.

Se fores visitar as casas construídas para as famílias da toca e outras não deixes de ver também as outras quatro que já se levantam cheias de

beleza e segurança. São fruto de amor de Deus. São o amor de Deus concretizado. Não pretendem resolver problemas sociais, sobretudo, o da habitação que mais os aflige. Isso não é com eles. Ninguém lhes pedirá contas. Querem apenas

dar testemunho. Testemunho verdadeiro e vivo. Prova de fé. Cristo para se fazer acreditar quis lançar mão dos milagres. Assim o vicentino. Para ele o milagre é uma necessidade urgente. Importa fazer milagres, para que os homens acreditem. As Casas do Património são um grande milagre de Cristo nos nossos dias. Setúbal não quer ficar cega. Deseja a luz. Vai ser iluminada. Os vicentinos são faróis.

continua na página quatro

FACETAS DE UMA VIDA

Continuemos a ouvir o Rev. Padre Silvestre Gouveia:

«Após minha saída do Seminário, nas paróquias por onde tenho passado, veio a minha casa inúmeras vezes. Quando chegava ia sempre cumprimentar primeiro o Chefe, numa breve visita ao SS.º A princípio prêgou várias vezes e em Aveiro — 1936 — foi um sucesso. Fez uma semana. No primeiro dia Igreja talvez meia. A gente do costume nestas coisas e talvez a mais uma certa curiosidade pelo anúncio que se fizera. Ao sair, espanto geral. Coisa fora dos moldes. Estavam acostumados a ouvir recitar boas peças oratórias. Mas este não era assim. E do terceiro dia em diante, tinha de estar tudo de pé bem apertados, porque não havia mais espaço.

Mais tarde, aqui em Assafarge, eram reuniões de convívio amigo, com vários Padres, e que Pai Américo tanto apreciava!

Quando o Senhor Dom António Antunes lhe perguntava, um dia, donde vinha, ele respondeu naquela sua maneira pitoresca: duma reunião de confessores.

Quanto transbordou de alma, nessas ocasiões, a comunicar-nos as andanças em que estava metido. Os projectos, as lutas, os ataques, os revezes, e também os triunfos da Obra!

Que mais lhe hei-de dizer?

Que devo muito ao Padre Américo. Sempre o senti a meu lado. Nos momentos de desalento, a animar. Nas alegrias, a partilhar. E até nas dificuldades financeiras, a ajudar.

Mas tudo isto, porque tem para mim uma história tão real, tão vivida que ainda não morreu, eu não atino em lhe encontrar uma narrativa histórica.

Silvestre Gouveia.
(Assafarge)

Agora

Não sei há quanto não saía a Procição. Meteu-se o Relatório; meteram-se outras urgências... E eu estou aqui rodeado de oito montes de cartas, que tantos são os *andores*, e rodeado de confusão sem saber por que ponta começar.

Antes, porém, uma sugestão amiga, que «creio bem — nos diz ele — se conforma ao espírito do Padre Américo, que foi o primeiro a erguer um nicho à beira da avenida da Casa de Paço de Sousa». Trata-se de alminhas.

«Alguns grupos de casas do

Património já possuem umas «alminhas». Mas, como seria uma marca bem portuguesa e estruturalmente cristã um nicho de «alminhas» em todo o núcleo de casas que a Justiça ou a Caridade dos tocados fosse levantando! Um nicho de «alminhas

é um brasão de cristianismo. As «alminhas» são filhas da sensibilidade e piedade do povo; por isso são simpáticas e todos lhe querem.

Um nicho de «alminhas a lembrar a fé e a esperança dos que morrem

no Senhor e a suplicar a caridade dos vivos».

Com esta lembrança piedosa, vamos lá, então.

A primeira *irmandade*: «os das casas por inteiro».

Casa Avó Joaquina. Veio da Beira. Há muito que eu a desejava e estava certo que viria. *Casa José António* que se desejava em Coimbra. Padre Horácio que tome nota e guarde lugar na Adémia. *Casa do Pessoal da Sonap de Cabo Ruivo*. E agora 2x15 contos: uns de alguém da Foz do Douro que já tem aparecido outras vezes; os outros de B.A.C., para a *Casa de S. João de Brito*.

Pego já na «confraria» que se segue aqui na geografia da minha secretária. São os de todos os meses. Quase todos com dois e alguns, mesmo, três sinais de vida. São: «o do tabaco a menos» e «um leitor de O Gaiato» e o assinante 6790, e a Helena e do Funchal e alguém de Lisboa cujo nome não decifrei ainda e que escreve sempre com tinta verde. Alto lá! Aparece aqui outro, antes não conhecido, e que se propõe poupar ao fumo. Ora vejiam:

«Eliminado o vício do cigarro, que mirra o corpo e a alma, para dar vida e alegria a qualquer pobre que com migalhas iguais virá a usufruir a sua casinha, deixei 50\$00 no «Espelho da Moda» como consequência da economia mensal que passei a efectuar e durante mais 4 meses tenciono enviar.

Deus nos ajude a todos».

Ora viva este anónimo senhor! Mas oiça lá: Volta a fumar depois de 4 meses de abstenção?... Não faça isso! E se fôr preciso, para se estimular, oiça: 50\$ não digo, mas emparceire com 20\$ com aquele seu conterrâneo que há anos vem sacrificando mensalmente esta quantia ao seu gosto de fumar.

E é a Avó de Moscavide; e o E. D. M. da Rua de Belmonte; e o fidelíssimo Manuel da Rua da Corticeira; e o Vitorino, que pede desculpa do atraso por se lhe ter atrazado a vida com doenças; e dois pares, ambos do Porto: Mariazinha e Artur, mais a Maria e o Manuel.

Logo a seguir, surgem os dos aumentos de ordenado. Vieram muitos no princípio do ano, dos funcionários públicos, mas esses muitos não representam mais que pequeníssima percentagem da totalidade deles.

Hoje aqui figuram alguns e outros que não o sendo, foram também aumentados, e destes vários sem o esperarem. Tanto melhor lhes soube. Barcelos com 750\$ e «sinto-me feliz por poder formar numa das diversas procições que «O Gaiato» tem posto na rua». Beja e uma carta muito linda de uma professora liceal; 100\$ no Espelho da Moda; o mesmo de Massamá; uma metade de 350\$; 70\$ de Lisboa, da Fernanda; dez vezes mais do Porto, do Alvaro; Coimbra não quer ficar atrás das duas primeiras cidades e aparece com 336\$20+ +231\$ reunidos para sufrágio de uma alma; e 1.300\$ de um engenheiro e esposa.

E aí está a falange, sempre mais numerosa dos *das casas a prestações*. Também muitos deles aparecem hoje com dois e três sinais de presença. Assim o casal assinante 28.562 e o da *Casa Visitação*; e «o do plano decenal»; e a Mãe do António e do Fernando; e a *Casa da Avó Ema*; e Lisboa: «Que Deus me ajude a fazer uma casa».

Agora a Maria Luísa em carta de 18 de Março; e a Beira com 500\$ para a *Casa Senhora da Boa Hora*. Mais mil de M. M.—A. L. e outro tanto para a *Casa Ao Nosso Filho*. Já ele assim fez antes de casarem: «A Casa À Minha Noiva».

Eu não me canso nunca de os rever e de me extasiar na beleza que eles nos oferecem.

«Junto 300\$00 para a Casa «Lar de Nazaré».

Sinto-me muito feliz por poder continuar a enviar os meus donativos e estremeço de alegria só com a ideia de que se Deus o permitir hei-de um dia chegar ao fim e ter o consolo de saber que, menos uma família vive na toca, vergonha de todos nós».

É alguém do Porto que meditou e compreendeu a Caridade: Enquanto a Justiça não estiver cumprida ela não pode sossegar. Deus o abençoe e obrigado pelas suas orações.

2.ª e 3.ª prestação de 500\$00 cada, de Angelina, de Lisboa. A Maria, de Escalos de Baixo, fica a 2000\$ do fim. Metade desta quantia mandou a assinante 6578. Dois mil, que perfazem o 7.º milhar de um velho Amigo de Pai Américo que eu conheci no dia de Santa Cruz, o ano passado.

Este testemunho heróico de uma Mulher, modesta funcionária, que muitas vezes tenho pregado, por aí fora.

«Junto a importância de 500\$, que perfaz as 9 prestações, ficando ainda a dever 3 mil, que hei-de liquidar, porque sei que Deus me auxiliará para que cumpra este tão grande desejo.

Por muito que vos possa fazer ficarei sempre em débito para com essa Obra, porque sem as vossas orações Deus sabe bem o que seria a minha vida de mãe.

Casa das minhas Filhas. 100\$ para a *Casa Três Graças de Deus*. Duas prestações de 370\$ cada para a *Casa de Ana e João*.

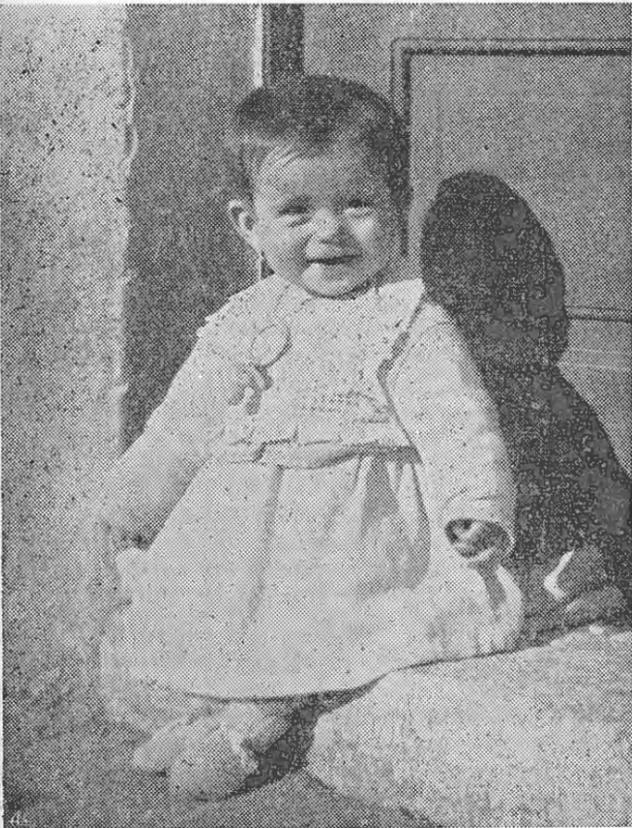
Agora vem aí aqueles Pessoais já nossos conhecidos.

À frente a HICA com 2019\$60+2037\$30. O ano passado estes Amigos juntaram 24.262\$60, quantia que a Administração duplicou com o seu donativo.

Eu andei por lá há tempos ao longo dos vales do Cávado e do Rabagão. Foi um misto de matar saudades e de procurar emprego para tantos filhos que deitam muito naturalmente a cabeça fora do ninho, em busca do seu. Tive ocasião de ver: As folhas de férias que a companhia adoptou, onde se assentam salários e descontos, lá têm impressa a rubrica de desconto (facultativo, é claro!): Património dos Pobres. Se fora só isto!... Mas tive então oportunidade de observar com os meus olhos que aquela empresa, tratando de energia, não se esqueceu do homem que a aproveita e utiliza.

Deus guarde assim, funcionários de todos os níveis em cristã fraternidade!

Casa Candidinha e seu Pessoal



Laura Maria, fruto de uma união como ordena o Mandamento.

A Laura Maria tem agora seis meses. Não é bonita. Mas quem resiste à simpatia do seu sorriso aberto?

Ela já veio em muitos jornais, quando da visita do Chefe do Estado ao Tojal. Já passou na televisão e em documentários de Actualidades cinematográficas, a propósito do mesmo facto. Mas hoje é que é a sua apresentação à sociedade! Nem baile, nem banquete, nem mundanidades. É ela e o seu sorriso irradiante, fotografados à porta da cozinha, pelo Abel, o seu ditoso pai.

Vistas de dentro; vistas simples! Os netos são sempre a alegria dos avós. A «Obra da Rua» vai nos 20 anos. Os «padres da rua» ainda nenhum tem idade de ser avó. E no entanto, a Laura Maria aí está a dizer que o impossível é: que «tudo quanto seja regresso a Nazaré, é progresso social cristão».

«O padrão da Obra (da Rua) é a família; vida familiar».

Como Pai Américo viu à distância, muito para além das suas previsões!

A Laura Maria, filha do Abel, nossa neta, do sorriso imaculado dos seus seis meses de idade, transmite esta mensagem aos homens:

Como seria feliz, como seria sorridente o Mundo, se os homens

aprendessem nas vistas simples que estas Vistas de Dentro lhes oferecem, o segredo do tal «regresso», que só ele é garantia do «progresso» que conduz à Paz!

COM a de sua filha, Abel mandou outra fotografia: a da casa pró Cândido, agora nos acabamentos.

Mais dois ou três meses e Cândido abalará para o seu Lar. Vai ser no Tojal, onde será também uma Tipografia com ele por mestre.

Para se habilitar a tanto, há meses já que Cândido trocou a oficina de composição pelo sector adminis-

trativo, onde pontifica o Júlio habitualmente e agora em segundo plano, para que Cândido, no primeiro, faça, em condições reais, o ensaio geral para o bom desempenho da sua missão.

Que felicidade, poderemos encarar a expansão normal da Obra com rapazes nossos!

Abel à frente da Alfaiataria. Cândido da Tipografia. Quando será que a bela quinta do Tojal, terá a zelá-la um dos nossos? E as outras oficinas?...

O presente alimenta-nos a esperança do futuro. Hoje o Tojal. Amanhã o Lar de Setúbal reclamará também a presença de outros mestres dos mesmos ofícios. Que bom, se os tivermos nossos! Que gosto se compara ao da «prata da casa»?!

Ora Cândido, como Abel e outros que hão-de ir, vão verdadeiramente em espírito missionário. Eles são daqui e aqui criados... As suas noivas daqui e aqui criadas. É com sacrifício que deixam os lugares da sua in-

Vai-nos fazer falta o Cândido. Mas deixá-nos a consolação mais pura de o saber-mos lá, a continuar a sua canção, onde a ausência dela era mais sentida.

Deus os ajude!

E os senhores, que bem conhecem as dificuldades de montar uma casa desde o nada até ao indispensável, façam favor, também, de ajudar qualquer coisinha!

VEM aí o verão. O horário do dito já começou. Com ele, recreios maiores. É o tempo dos célebres campeonatos, entre casas, entre oficinas, entre grandes e pequenos, entre o «céu e o inferno»... enfim entre todas as espécies de agrupamentos que as férteis fantasias são capazes de encontrar.

Ora sucede, às vezes que há dois desafios ao mesmo tempo. Ou é o campo dividido em dois; ou é

VISTAS DE DENTRO

fância e juventude; que dão um golpe no afecto que os prende àqueles com quem mais de perto sempre conviveram. Mas, se é lá que são precisos, é lá que eles se dispõem a servir.

A eles, procuramos nós formá-los neste espírito de generosa doação. A elas, são eles próprios que as vão formando assim. Um noivado que é desde já — como há-de ser depois, mais e melhor, a vida matrimonial — um esforço mútuo na edificação dos dois.

Também nós sacrificamos algo. O Cândido tem dias de cantar de sol a sol. É tão bom ouvir cantar quem precisa de cantar!

uns no campo e outros num terrenito ao lado. Certo é que uns metem-se nos campos dos outros e é raro não surgir conflitos. Há dias foi assim. A coisa azedou e veio até cá acima. Duas comissões. Tudo a falar ao mesmo tempo. Uma trapalhada. Claro que ao pé de nós os mais pequenos sempre se sentem mais fortes.

Dai vá de basofiar. Desta feita foi o Cocos quem deu o alarme: «Vocês queriam é meter-se! Senão vai já tudo à lata».

Quem pode ter cá em Casa problemas importantes, se tem de ser juiz destes e outros que tais?!



PATRIMONIO dos Pobres

A novidade verdadeiramente grande está aqui: o Património dos Pobres é fogo que arde e se propaga. Queima, sem olhar a idade, nem credos, nem condições. Tem feito braseiro na grande parte dos Portugueses.

Hoje começamos por uma vila da Bairrada, onde um grupo de gente moça, na sua maioria estudantes, se deixou apaixonar pela sorte de várias famílias que visitaram no Natal passado. Têm feito festas, têm ido de porta em porta a receber um escudo e estão prontos a ir até ao fim para que as famílias da sua terra que vivem em barracas, depressa tenham uma casa. Coragem e para a frente e que todos os seus contêrreos correspondam a este bom exemplo. E que todas as terras da Bairrada, com fama de rica, não consintam que famílias suas vivam nas condições de animais.

Dum Seminário Diocesano veio uma boa ideia, que com muita facilidade pôde ser posta em prática e com grande resultado. Cada seminarista dará apenas um escudo e em cada seminário haveria um encarregado de juntar e nos enviar. E assim, com tudo tão simples, poderão construir várias casas. Fica a sugestão e o apelo que também fazemos nossos.

Apesar das nossas poucas visitas às freguesias, pois não podemos dividir mais, sabemos que o movimento continua. Há terras que fizeram agora um pouco de repouso para depois continuar com mais ardor. Há outros onde estão resolvidos os principais casos. Outras que começaram agora a erguer-se. Em Moura andam com mais sete e com muita falta de di-

nheiro. Em Reguengos têm que suspender por falta de verba. Em Setúbal estão muitas a subir com entusiasmo. No Redondo começaram e vão de vento em popa. Na Parede continuam. Em Linhó de Sintra ficam quase uns palácios. Em S. João das Lampas prometem andar para a frente. Na Pocarimã falta pouco para a terceira. Em Condeixa anda entusiasmo. Em Penela fazem-se os preparativos. A Comarca de Arganil anda a acabar mais duas. Estas as notícias que temos.

Aonde estou agora mais presente e mais atento é em Coimbra. É o meu berço e daí ninguém pode levar a mal. Ando muito contente. Muito contente pelo que vejo e sinto. Os Conimbricenses fizeram as casas suas. As Autoridades do mesmo modo.

Ainda ontem o Senhor Presidente da Câmara parou para me dar a alegre notícia para os projectos para a instalação de água e luz e urbanização estão prontos e o dinheiro está já de lado. A Câmara com seus serviços municipalizados, tomou tudo isto à sua conta. Os nossos louvores.

Tenho continuado a ir a algumas fábricas e armazéns e sempre a mesma boa atenção. Os peditórios nas Igrejas têm corrido muito bem. Santa Cruz deu 12.500\$00. S. José, 5.600\$00. Seminário, 1.950\$00. Sé Velha, 2.610\$00. Santo António, 2.300\$00. Celas, mil e pouco.

Espero continuar no próximo domingo e espero também continuar a procurar materiais.

Deus me dê muita generosidade no trabalho e a vós no repartir.

Padre Horácio

— 2X400\$. E o Pessoal do Grémio de Pannificação do Porto com 186\$+188\$.

Dobram a esquina os que juntam esforços para a edificação de certas casas. A dos Professores Primários vai hoje à frente com várias pedrinhas: Duzentos de Lisboa; 300\$ de N.; 90\$ de Maria Adelaide; 100\$ de uma Professora do Porto; o dobro de uma assinante de Braga; e 50\$ de uma Professora de Espinho.

A «fundadora» da Casa de N.ª S.ª do Carmo manda 20\$ e a sua tristeza por ver tão poucos a ajudar a subida desta casa que ela pensava ser uma especial homenagem a Pai Américo por ele ter nascido para o Céu naquela Festa.

Para a Casa de N.ª S.ª de Lourdes 3000\$, de S. Mamede de Infesta. Cem para começar a Casa de Santa Terezinha do Menino Jesus e mais 1700\$, de Matozinhos, que se vêm juntar a 7000\$ já entregues para a Casa do Curso de Marinha 1929-1932.

Finalmente, Dulcina, envia 20\$ e sugeriu a Casa Canção do Mar a erguer por «todos os que

passam grande parte da sua vida no mar; as esposas destes, mães, filhos e noivas, que poderiam associar-se também».

Na Casa da Batalha e nas Confeitarias Arca e Arcádia (quiseram juntar aos doces que lhes são próprios a doçura da Caridade) abriram-se subscrições que renderam respectivamente 450\$ e 4700\$.

Também do Presépio da Praça Guilherme Gomes Fernandes nos foi entregue 7002\$40 (a outra metade foi para o Snr. Padre Grilo), que destinamos ao Património.

E a Procissão termina com um numeroso grupo de caras menos conhecidas. É a Guiné com um quinto da Lotaria, e o grande desejo de que saísse premiada. São restos de assinaturas de muitas terras. É Vilar Formoso. É da Amadora. É um grande Amigo, do Porto, no aniversário da morte do seu Mário. É «um casal que deseja ser feliz», repartindo da sua felicidade. E outra vez Lisboa e Porto e cumprimentos de promessas, e Lagos e Torres Novas e Viseu.

Uma visita ao Barredo

É um nome que soa aos meus ouvidos, como a narração do Paixão no Domingo de Ramos. Hoje, na caserna da vida militar, vem muitas vezes até mim esse Barredo que vi no Sábado Santo. Apesar de tudo, continuam abertas as chagas que Pai Américo tanta vez reparou. Agora vejo, por que ele dizia que no tugúrio não se podia salvar almas. Ide até lá, e vereis como o Pai Américo. Então sim; também tu chamas santo ao habitante do Barredo. Também para ti, caro leitor, o lugar do Barredo será o novo Gólgota, onde Jesus, na figura do Pobre, busca remédio para a nossa salvação. Eu fui um habitante dum tugúrio dos muitos *barredos* da nossa Terra. Sofri muito por via desses buracos, que não são próprios para seres humanos, mas neles vivem como se fossem bichos, os corpos com uma alma que sente e que sangra.

O que no Barredo se vê, não se pode descrever, mas nós sentimo-nos pequeninos ao pé daquela gente, que chora e ri sentindo a fome. E olhai, amigos: O Pobre não é ignorante. Ele vê «tudo», mas as lágrimas e os queixumes são a sua defesa.

Vós nunca vistes um pelicano? Então ide ao Barredo, que ali encontramos essas mães, que alimentam os filhos com o seu próprio sangue, as lágrimas que por vezes se esgotam nos seus olhos. Também choram? Sim, podem chorar, porque o Barredo é bem a continuação do Calvário do teu Senhor. Não te envergonhes se porventura as lágrimas aparecerem nos teus olhos. Cada vez que medito no Barredo — quando à noite me deito nesta cama da caserna — também me aparecem os olhos molhados e sobretudo, sinto-me feliz.

Oh! Feliz o dia em que sentires, abandona-se o mundo e depois diz-se «sou incomensuravelmente feliz». Felizes palavras, feliz Amor!

Depois é a inocência. Tu já viste a criança dos Barredos? Já viste os filhos da Casa do Gaiato? Que diferença há? São os mesmos? Pois, pois: «Dá-se amor e nada mais» dizia Pai Américo. E olha que o que ele dizia, não é coisa nova, repara bem nos Evangelhos, e verás como a doutrina não é nova. Olha bem, e vê como todos os mandamentos consistem num só — O Amor.

Com Ele, podemos roubar aos tribunais, quantidades de réus, figurados nas crianças inocentes que hoje vês: famintas, de cabelos em desalinho, e olhos lacrimosos. Vemo-las hoje inocentes e sem maldade. Amanhã repletas de vícios e de doenças. As Cadeias e Colónias penais, e ainda os sanatórios, disso são testemunhos.

Tem razão o Senhor, em dizer: «Deixai vir a mim as crianças».

Se eu, caros leitores, vos pudesse dizer por palavras o que vi pelos Monsantos e Limoeiros!

Se vos pudesse comunicar os «ai minha mãezinha» que à noite ouvia aqui e ali, tu não poderias ficar indiferente às lágrimas do Barredo. As «feras» das cadeias, não são feras, mas cordeiros. Um nadinha de carinho é que eles precisam. As feras, somos todos nós, todos os indiferentes, todos os que vendamos os olhos e não queremos ver. Esta é que é a verdade. O resto são desculpas, que nós inventamos, para calarmos o grito da nossa consciência. Quantas as vezes nós cortamos o caminho, para não passarmos uma determinada rua de prostituição? E se formos analisar, se formos perguntar a essas mulheres de onde vieram, encontraremos novos Barredos. Quantas mães são arrastadas para o lodaçal, só porque os filhos lhes pedem pão, e elas não o têm para lho darem. Depois vem a desgraça das mães, e dos filhos, como herança. Quantos «filhos de pais incógnitos» motivados por estas vidas! Quantas desonras, quantas desgraças.

E o Barredo continua a germinar vícios, lágrimas, doenças,

se nós continuarmos a fechar os olhos e a tapar os ouvidos.

As janelas do Barredo não têm luz. Eu apalpei os peitos, e senti tudo frio. Farrapos e cacos, é o mobiliário daquela gente. Quando fui, foi à hora de meio-dia, e não vi o lume aceso. «Se por lá tivesse um cobertorzinho». Eram as queixas das mães. «Dê-me uma amêndoa, dê-me um santinho» eram os gritos das chusmas de crianças que nos seguiam a agarrar-nos. E o pão? Vós que ledes este Barredo de angústias, rezaís o Pai Nosso? Pois não o pronunciais com os lábios, mas com o coração. O Pai Américo gostava de apresentar a Oração Dominical, sempre que falava dos Pobres.

«O Pão Nosso de cada dia «nos» dai hoje...» Nos, e não me. O Pobre faz parte daquele pronome. O «me» não figura nesta Oração.

Amigo leitor: Experimenta meditar no Barredo, e verás como te sentes mais de Deus.

Sauda-vos em nome do Barredo o,

Ernesto Pinto

Cantinho DOS RAPAZES

Foi um dia destes. Os últimos trabalhos em Azurara exigiram lá a presença do Oscar (actualmente o chefe e o único já artista da nossa carpintaria), tendo ficado na oficina apenas os mais pequenos aprendizes.

Afinal o trabalho demorou e não foi um dia de ausência — foram dois.

No segundo dia eu estive em casa. Passei várias vezes (mais do que o costume) pela oficina e sempre a achei em ordem.

Uma delas perguntei quem era ali o chefe. Todos se entreolharam e responderam: «Ninguém».

Ora eu não acredito na ordem sem cabeça que a dirija. Nas nossas Casas e em todos os sectores de trabalho, há sempre um substituto a quem se entrega a responsabilidade na falta do seu titular. Julguei que o Oscar tinha designado o seu substituto. Vendo que não, meio a sério meio a brincar, propus uma eleição. «Que é de papel, para se fazer os votos?...»

Não havia papel. Porém o acto era simples e resolvi-o sumariamente: «Cada um diz-me ao ouvido o nome do seu eleito». Eram cinco garotos. O resultado foi unânime: o Neca.

Ora o Neca, meus rapazes, é o mais recente dos aprendizes de carpinteiro. Ele passou há pouco da rouparia. Nem sequer é um rapaz que tenha excepcionais qualidades de comando que alguma outra oportunidade o ti-

vessem imposto à consideração geral.

Então porquê aquela votação unânime?...

É que o Neca, sendo embora o mais recente na carpintaria, é o mais hábil e dos mais interessados. Aquela eleição, feita meio a sério, meio a brincar, tornou-se, afinal, uma seriíssima consagração da *competência profissional*.

Os pequeninos carpinteiros ali presentes, todos mais velhos no ofício, disseram-no exuberantemente. Tanto... que quiseram para chefe o que eles consideravam superior.

Lições simples, destas com que a gente topa todos os dias e em que tantos deles não repara!

Pois que ponham aqui os seus olhos e o seu pensamento, os chefes titulares das nossas oficinas, aqueles mesmos que já usam lâminas e sabão de barba.

«Ex ore infantium...» Da boca dos nossos pequenos carpinteiros saiu uma sentença cheia de verdade.

Ninguém pode dar o que não tem. Para se ser Mestre é preciso *sê-lo*, não por mera posição, mas por qualidades morais e profissionais que espontaneamente o imponham ao respeito e admiração e, portanto, à colaboração dos seus súbditos.

Visado pela

Comissão de Censura

BEIRE

Caros leitores:
Já há muito tempo não têm tido notícias desta casa. Escrevo agora pa-

ele chega vão logo todos para o pé deste Senhor que parece ser Doutor que vem a quase sempre acompanhando com uma pessoa da minha terra. Se por acaso a pudessem mandar con-



PELAS CASAS DO GAIATO

ra vos dizer algumas novidades e também algumas necessidades de que nós precisamos muito.

— Continuamos com as obras das escolas que se andam a fazer novas. Também andamos a fazer o nosso campo de futebol onde andamos com grande entusiasmo, mas é que ainda está muito atrasado não é por nossa culpa é mais que os Senhores empreiteiros que não querem deixar vir o «arrasa-montanhas» para poder arrazar as terras. Os pequenos estão fartos de pedir ao Senhor Padre Baptista para vir o «arrasa-montanhas». Ele também está farto de escrever e telefonar mas ninguém se resolve. Temos nós que andar mais depressa que estamos a ver que temos nós que o fazer.

— Agora também andamos atrapalhados com as sementeiras da batata que é o forte desta grande quinta mas o tempo não nos deixa trabalhar. Agora vou ser um bocado pedinção mas a necessidade assim o obriga. Como sabem nós nesta casa temos necessidade de uma bicicleta para fazer recados e alguns são de urgência. As vezes é precisa para ir buscar remédios e buscar o correio, etc. Pedia por favor se por acaso tivessem uma nem que fosse usada agradeceríamos muito.

— Nós cá tínhamos uma bola para jogar em frente da casa mas o Antero é muito forte e gosta muito de jogar a bola, ia a rematar à baliza e com uma grande fiúsa rasga tudo e agora os outros que também querem jogar e não têm bola andam sempre em guerra. Os Senhores se quiserem pôr tudo em paz e contente percebem muito bem o que devem fazer. O Senhor Padre Baptista está farto de comprar bolas mas elas estão sempre a arrebrantar.

— Agora temos cá um rapaz que quer ir para a Casa do Gaiato do Tojal e perguntamos-lhe, mas porquê?

— Porque tem televisão e nós cá não temos.

Vem cá um Senhor visitar muitas vezes a nossa quinta e fala sempre numa televisão e os rapazes assim que

tentariamos aquele rapaz que nos quer deixar para ir para outra casa e nós gostaríamos que ele ficasse aqui. Os batatas também se queixam que não têm brinquedos para brincar nas horas vagas. Como sabem nós enquanto somos pequenos gostamos muito de brinquedos. Se por acaso tivessem alguns dos vossos filhos... podem mandar.

O Barrigana e o Russito ficavam todos contentes e também os outros não diziam que não.

Para não ser mais maçador, cumprimentos aos nossos leitores e benfeitores. A direcção desta Casa é: Casa do Gaiato de Beire—Paredes. Adeus e não se esqueçam de nós.

António Henriques (Sediolos)



PAÇO DE SOUSA

POIS É! Cá está Paço de Sousa mais os seus azares. Mais barulho e sempre a mesma história. Mais isto, aquilo e aqueloutro. Barulho, novidades frescas e a malta afinada com as respectivas histórias, pois somos indiscretos ao máximo. Mas haja alegria, pois quando se contacta com os leitores é festa e o resto é conversa!

PINTURAS! O que mais há cá dentro. Cada qual pinta no seu jeito peculiar e quem quiser que se defenda. Há cada um de bico amarelo! Isto a começar por nós que de vez em quando lá metemos a mão ao prato. Pois toca a acautelar com as favas que podem tornar-se em bombas perigosas e haver azar. Não queremos conversa e toca a andar!

Redacção do «Melhor». Dr. Avelino atarefado com os assinantes e suas dores de cabeça que é preciso tirar. Bonifácio avia correspondência. Esticadinho às voltas com a expedição. Aparece o Rosas e diz que o Sporting é o melhor. Na porta diz: «Pintado

de fresco! Mas isto há que séculos, pois a porta já necessitava de nova pintura. Estes tipos são uns números! É assim que na Casa do Gaiato se consegue ter uma porta pintada de fresco, estando ela toda suja. Você ainda não viu? Então venha por aí abaixo.

BOAS! Nós Sr. Silva, Esposa e Sr. Padre Manuel e histórias de lavouras. Sobretudo o Sr. Padre Manuel que ouviu tudo com atenção, pois é o «Governador Geral» dos serviços de lavoura e anexos.

Sim, as couves eram óptimas e a malta gostou. Quanto ao sável não nos fez mal nenhum!... pois fizemos votos de, quando possível fosse, tornarmos a provar!

Tivemos pena de cá não estar o «Sepadre» Carlos, mas o Sr. Silva e família, já sabem quanto são estimados!

GENTE! Muita. De muitos lados. Dentro de muitas camionetas. Muitos grupos e o nosso sempre a somar vitórias. Os nossos estão todos contentes. Só as reservas é que às vezes têm calado o bico, mas isso acontece a muito boa gente, não é verdade? Contingências do próprio desporto. Mas não há dúvida que temos tido muita sorte, mas os clubes amigos que nos visitam já sabem que somos bons...

S. JOSÉ! Foi cá comemorado este dia dedicado às massas trabalhadoras para que façam de suas artes a sua capela e o seu altar. Por este meio, cumprindo nossos deveres, é que subiremos a mais alta escala de valores, aumentando nossa dignidade.

Sáimos um pouquinho mais cedo e realizou-se um importante desafio de futebol entre a Tipografia e as restantes oficinas, vencendo aqueles por 5-2, não deixando margem a dúvidas da sua melhor estruturação. Destacamos Mourato, Camuriáguia, Soares e Preto.

MÊS DE MAIO! Do lindo sol. Das Flores. Mês da Mãe. Em casa, quando está a Mãe, a lareira é mais quentinha. O Seu calor espargem-se em todos os sentidos! Esta palavra, pequena, encerra um manancial de coisas belas e histórias tão gradas de nosso coração. Lá está ela no seu pequenino trono na Capela, onde todos os dias a comunidade se reúne para lhe levar um pequenino ramo de rosas. Deixa-as no Seu regaço e vai descançar depois de um dia de labor. «Avé Gratia plena»!

ALEGRIA! O caso não é para menos. Pois como é que o Cândido não há-de estar contente! Está à porta o seu casamento. Não falta muito para ele entrar no rol dos chefes de família. Depois irá para a Casa do Tojal, onde chefiará a Tipografia que se está preparando!

Os senhores se calhar já adivinharam porque pusemos no jornal, não? Pois claro que é isso. Prendas. Muitas prendas, pois ele bem merece. Que ninguém se esqueça. Por nossa parte vamos esforçar-nos por lhe oferecer a nossa amizade. Tu, leitor, fala, que gostamos de te ouvir!

FEIOS! Não os há. O que existem são pessoas antipáticas. Não temos culpa de ser incluídos na mesma lista, pois tudo fazemos para ser «lindos»!... Ou andamos em maré de azar ou são as pessoas a entrar de fininho e nós a engulir em seco!... Não se zangue minha senhora que nós também não! Sabe que esta coisa de feio tem dado aso a risota pegada e o resto são histórias... Mas se me quiser chamar «giro», também me não importo. São coisas...

CAMPANHA! Pois claro! Dos 50 mil. Campanha e sempre campanha até que atinja esta cifra. Têm medo que se não dê vazão? Venham o dobro para experiência e depois veremos. Não há como experimentar. Tens um amigo, uma pessoa de família, um conhecimento importante, fá-lo assinante e verás que a alegria também te pertence. Ora havendo para aí pessoas com tantas horas vagas...

Não queremos isto aos repelões e

sem pensar. De vagar que tenho pressa!... E a campanha proseguirá triunfante!

TIPÓGRAFOS! Tipografia. Seus azares. As melhores e as piores coisas. Dois extremos que se tocam com grande facilidade. Mas que grandes botas de atinado. E o «Sepadre» Carlos que as descalce! São trabalhos, máquinas, tropelias de todas as formas e feitios. O resultado, já todo o mundo sabe!... ANTÓNIO! Como há muitos. Mas

este é o Ferreira, rapagão de 22 anos. Chefe da limpeza da Casa 1. Já não é a primeira nem segunda vez que é apanhado a limpar a boca com desperdícios. Vem do serralheiro onde trabalha e é certo e sabido que lá vêm os desperdícios no bolso. Qualquer dia para ele já não é precisa a toalha... Ora aí está o que é!...

Por hoje mais nada, a não ser os cumprimentos para todo o mundo do Feio

Casas para trabalhadores

O rapaz, pelo facto de ter uma camisa e de ganhar um salário de 18, 20 ou 25\$00 nalguns dias da semana não se pode considerar rico. Ora um bom número de trabalhadores de Portugal, sobretudo na província, estão nestas condições. Salários baixos e períodos, sobretudo no inverno, de falta de trabalho. Assim a questão é esta: um grupo de 10 ou 12 rapazes, que não sendo miseráveis, estão longe de possuir condições para fazerem isoladamente a sua própria habitação, quando a sério se resolvem a construir as suas casas, em regime de auto-construção, merecem ser ajudados ou não?

Nós não hesitamos em responder: Sim. A nossa mentalidade a respeito de assistência social deve sugar-se a certa revisão, de vez em quando. Ontem não seria assim, mas hoje poderá ser assim mesmo. E, na verdade, ontem foi assim; muito embora sem organização.

Numa aldeia ou numa vila um homem recém-casado pretendia fazer a sua casa. Apareciam imediatamente algumas ajudas. Isso é que apareciam. Os pais, os sogros, um cunhado, um primo, um padrinho, ou mesmo um estranho, mas pessoas de bem, ofereciam uns pinheiros, uns carvalhos, umas geiras de trabalho com os bois, quando não uns dias de trabalho, como ajudantes de artistas. E, como a casa não tinha muita arte, não se gastava muito dinheiro com os mesmos artistas e lá se construía, ficando a nova família, uma vez ou outra, com um pequenino encargo às costas, por causa do dinheiro gasto na telha, na pregagem, nas ferragens e em pouco mais. Mas realmente aquele particular, que não era rico mas também não era miserável, foi ajudado, recebeu auxílios valiosos para a obra de então. Hoje os tempos são outros. Estes auxílios individuais para cada caso diminuíram, as obras são muitíssimo mais dispendiosas e, ou os trabalhadores se juntam em pequenos grupos, ou não são capazes de construir. Isto por defeito de economia e por defeito da própria educação. Há um sonho que vem ao encontro desta impossibilidade: Procurar outras

terras para viver. Não importa de que maneira.

Auto-Construção proclama a necessidade de ajudar estes modestos trabalhadores desde que eles, pelo seu esforço, pela sua economia, pelo seu espírito de sacrifício, pelo seu espírito de solidariedade mereçam essa ajuda.

E vamos registando alguma coisa para trinta e duas casas actualmente em construção, como daremos conta no próximo número. Toda a correspondência para: Auto-Construção — Aguiar da Beira — Beira Alta.

Padre Fonseca

PNEUS

Graças a Deus! Ele Porto; ele Setúbal; ele Caxarias. Pelo comboio; recados pelos vendedores; gente que veio a qualquer das nossas casas trazê-los.

Uma avalanche! Uma avalanche de pneus?... Não. Uma avalanche de amor!

Hoje é a quarta-feira seguinte à saída do último jornal. O que virá aí, ainda!... O que veio é resposta pronta, imediata, dos nossos leitores. No domingo a furgoneta já trouxe pneus do Porto. No mesmo dia já tinham sido entregues deles na casa de Setúbal (onde semanas antes fôra entregue também grande remessa de socas, para ajudar a realização dos planos anti-pé-descaço de Padre Manuel António).

Que delicadeza em tanta prontidão, não falando já, nas cartas e bilhetinhos que acompanham as remessas e valem pelas melhores declarações de amor.

Senhor!, uma avalanche de pneus?... Não. Por meio de pneus, em pneus, uma avalanche do Amor que fazes transbordar do coração dos homens sobre estes filhos Teus.

Obrigado, Senhor!

cede. Eu conheço muitos. Graças a Deus! Não deixes de admirar! Não deixes de rezar! Não deixes de participar nos seus grandes empreendimentos. Se podes e deves porque não lhes dás o que verdadeiramente lhes deves? — Uma oração. Um tostão. Uma casa. Uma dezena de casas. Olha que o vicentino é o homem do momento.

Padre Acílio



Uma Carta

«É a primeira vez que escrevo para casa dos meus irmãos no infortúnio. Também sou filho incógnito e como eles já passei os meus trabalhos. Não tantos como muitos deles, graças a Deus, mas alguns. Meu pai não é milionário, mas é bom lavrador porque era filho de óptimos lavradores. Não lhe desejo mal, mas reconheço que podia ter melhor nível de vida se não me abandonasse. Já me deu algum dinheiro, mas isto não basta.

A educação, a paternidade é que resume tudo. Isto é que não veio e talvez não venha, apesar de ser solteiro. Que Nosso Senhor o abençoe é o meu desejo.

Não fui gaiato da Pai Américo, mas fui internado numa instituição de beneficência cujo patrono é S. José, o incomparável artista.

Não vou, não quero, agora fazer confrontos ou notar defeitos. Todavia permita-me uma pequena referência. Pelo que li e ouvi sei que há uma grande diferença no sistema de educação.

Pai Américo descia até ao rapaz para o compensar. Os meus superiores eram chefes respeitáveis. Mediam as distâncias.

Como é grande a força dos Santos! Pai Américo possuía essa força. Só assim se explica a sua obra.

«Se tiveres fé com um grão de mostarda... há-de fazer o que aos outros homens parece impossível».

Junto envio 20\$00 para a campanha das 50 casas, 30.000X20. É a primeira vez que colabore nesta obra. Acredite que é um tanto envergonhado que o digo. Não sou rico, nem tão pouco remediado. Sou militar, mas para já com ordenado baixo.

Se puder reze juntamente com os seus meninos e meus irmãos em Cristo uma Avé-Maria ao Sagrado Coração de Jesus e Sagrado Coração de Maria, pelas minhas intenções e para alcançar uma graça.

Faço votos a Deus pela prosperidade da obra, e envio os meus sinceros cumprimentos.